

cultural



REVISTA DA
APM

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Dezembro 2007 – Nº 186

NATAL

Sacrossanta Natividade de Cristo!
Reminiscência da sagrada história.
Serenos e contínuo renascer
dos sonhos, anseios e gratidão,
na busca da feliz eternidade!

Natal,
flama e luz de nossa crença.
Fonte de amor e de esperanças.
Um presente divino que nos traz,
no inebriante sopro das alturas,
alento, abrigo, suporte e paz!

Natal,
plano sublime de vida,
fundamento de felicidade.
Socorro, no turbilhão voraz
que assola o mundo.

Resplandeçam e perdurem, entre nós,
o poder e a mística força do NATAL!

Walter Argento
(Movimento Poético Nacional)

Reflexões a propósito de uma nação doente: o Brasil

Cássio Ravaglia

Assisti ao filme *Rainha*, que tem como personagem central Elizabeth II, dias após a queda do Presidente do Senado. Inevitável o confronto entre o nosso mundo cívico e a nação inglesa, que tem na Monarquia a expressão maior ritualística que simboliza valores e competências nas representações de Estado e chefias de governo de uma nação. Que dizer então de uma nação que tanto marcou no processo civilizador da humanidade?

A nação brasileira está doente, e a nós, médicos, caberia, além do muito que já fazemos, um papel a mais, nas cadeiras dos consultórios, que são também, não poucas vezes, a de um educador. Não pouco dos muitos males que sofremos, no corpo e na mente, são fruto, se não exclusivo, no mínimo acrescido da má qualidade de vida que estamos provando, e isso só poderá ser mudado na medida em que a sociedade como um todo for gradual-

mente conquistando níveis melhores de vida. Cabe-nos papel destacado nessa cruzada pelo bem de todos.

Brasília tem-nos sido fatal. Não deu certo. Que saudades do Rio de Janeiro capital!

A cidade que Kubitschek sonhou e fez, como vanguarda civilizadora, alcançou, passado meio século de existência, a expressão capital de nossa incompetência cívica. O cângão acabou prevalecendo sobre o espírito bandeirante... Sobre o talento nordestino e a altaneria gaúcha. É hoje a maior concentração de parasitas que sugam o suor e os recursos dos milhões que trabalham arduamente, e muitos por tão pouco, nos quatro cantos do País.

Poder Executivo, partidos políticos, parlamentares, tribunais, ministérios, agências reguladoras ou desreguladoras sediam hoje, em sua preponderância numérica, milhares de inaptos a exercerem a atividade política, com tanto poder mal empregado e tantos imerecidos privilégios. Contamos 36 ministérios. A França, sexta maior potência mundial, tem 13.

O atual Congresso ainda não concedeu à nação meia dúzia de idéias aproveitáveis. Há três anos, pelo menos, não consegue sair do noticiário policial. Jarbas Vasconcellos e Pedro Simon simbolizam a força moral de tantos outros sem voz, os quais querem e merecem ter parte na sua reordenação moral e cívica.

A nação e a sociedade estão doentes. Principalmente os milhões que sofrem a desordem dos grandes centros urbanos, em que o stress por múltiplas causas está gerando um crescente assustador de males crônicos incontroláveis.

Nós médicos, ainda que tão sacrificados como temos sido, pela impotência de uma sociedade inapta a reco-



nhecer valores, ainda somos elite, ainda temos poderes. Precisamos de reflexão, de cultura psicológica, social, histórica e humanística para despertar em nossos pacientes, em nossos alunos, em nossos amigos mais influentes, a chama de uma participação pessoal na salvação deste País. Somente com uma profunda reformulação moral e cívica em nossas estruturas de Estado e de Governo será possível extinguir a corrupção que nos suga e desgoverna.

Começaríamos pela mudança em nosso regime de Governo. Nos primeiros anos da década de 1990, tive o honroso privilégio de uma marcante participação na campanha pela restauração do regime monárquico, no plebiscito de 1993. Alcançamos sete milhões de votos com o mínimo de propaganda e de recursos.

Contamos, este ano, 117 anos de República Presidencialista, a contar de novembro de 1889. Poucos, ao longo deles, os períodos de estabilidade política e de continuada prosperidade. Um destaque caberia para nossos primeiros presidentes eleitos, todos eles nascidos e formados no Império. Seria aqui ocioso elencar os números de nossa incompetência cívica e política ao longo deste século.

O presidencialismo republicano é uma experiência falida, entre nós e em toda a América Latina, em que já se verificam dois séculos de vida. Bastaria olharmos ao redor para constatar o mapa de vergonhosas falências nacionais, aliás plenamente previsto por Simon Bolívar, um de seus poucos heróis. Rui Barbosa, Monteiro Lobato, Joaquim Nabuco, Eduardo Silva Prado, André Rebouças, Alfredo E. Taunay, entre muitos outros notáveis, todos eles vividos no Império, manifestaram publicamente seu repúdio à República, à desastrosa quartelada de 15 de novembro. Não poucos lutaram e morreram pela reinstauração do regime monárquico. Rui Barbosa, um dos grandes autores da República, viria questioná-la já passadas quase três décadas.

O Parlamentarismo, como forma de governo, predomina quase exclusivamente em todas as nações mais bem-sucedidas do planeta, por ser bem mais sensato, lógico e dinâmico.

O Parlamentarismo Monárquico associa o parlamentarismo como forma de governo e a monarquia como representação de Estado. Amadureceu na Inglaterra, ao longo de séculos, em processo de aprimoramento até

alcançar o que é hoje, em que cabe à rainha um mínimo de poder decisório. Contudo, por pouco poder que ainda caiba ao monarca, sobra-lhe uma força moral, um poder no subconsciente coletivo sentimental e histórico da nação inestimável, o qual nenhum presidente consegue alcançar. O povo inglês, com toda sua classe, sabe que não obstante todos os possíveis erros de seus príncipes, que são humanos, não abre mão da Monarquia como força símbolo da nação.

Os exemplos desse poder símbolo da Monarquia são incontáveis. Noruega e Espanha, duas nações qualificadas, decidiram retomar o modelo monárquico no século passado, ainda que na contramão de muitas outras. França e Itália, em que a monarquia é histórica, nada conseguiram de melhor desde que são repúblicas. Pelo contrário, quase toda sua imensa contribuição à humanidade foi feita em tempo de monarquia.

Mac Arthur, um grande general e um gênio político, somente conseguiu recompor o Japão vencido na Segunda Grande Guerra mantendo o Imperador no trono.

Noruega, Suécia, Dinamarca, Bélgica, Holanda, Reino Unido e Japão, enfim, todas essas nações de primeiro mundo são monarquias parlamentaristas.

Será simples coincidência? E ainda nos perguntamos. Serão tão qualificadas por serem monarquias, ou são monarquias justamente por serem mais competentes, e por saberem optar pelo melhor?

Em 2008, comemoraremos os 200 anos de chegada da Família Real Portuguesa e, com ela, o despertar da nação. Já se fala disso, e, com certeza, ainda iremos falar. Não será surpresa se chegarmos a concluir que os nossos três monarcas, João VI, Pedro I e Pedro II, foram, ao longo de 80 anos, cada qual no seu tempo e por seu caráter, uma continuidade de competência e dignidade que a República ainda não pôde ou não nos soube demonstrar.

Cássio Ravaglia
médico

Oração de recepção a José Luiz Gomes do Amaral na Academia Cristã de Letras

Guido Arturo Palomba



O solene e formal ingresso de um candidato à titularidade acadêmica sói tornar-se um ato protocolar. Mas não será aqui, porquanto José Luiz Gomes do Amaral, pela expressiva e reconfortante votação que teve, confirma a dimensão absoluta de seu prestígio, bem como o júbilo de tê-lo conosco.

Dessa maneira, vamos nos ater apenas a receber o recipiendário, que vai enriquecer a Academia com o seu valor incontestado no cenário cultural, científico e político do Brasil e de São Paulo.

José Luiz tem currículo de vida intelectual que se manifesta, sobretudo, estimulante para ser sintetizado.

Médico, formado pela Escola Paulista de Medicina, turma de 1976, especialista em anestesiologia, pós-graduação na

França, mas nunca se separou de sua amada Escola Paulista de Medicina, hoje Universidade Federal de São Paulo. Galgou todos os postos universitários e tornou-se professor titular da cadeira de Anestesiologia e Terapia Intensiva, é responsável por vários centros de treinamento de anestesiologia, orientou dezenas de teses de mestrado e de doutorado. Possui vasta produção escrita: 86 resumos de estudos científicos, 78 editoriais, 48 publicações, co-editor de nove livros, 41 capítulos, três traduções. Participou, como membro, de 90 bancas de tese de doutorado e mestrado, bem como de bancas examinadoras em concursos para professores livre-docentes e docentes. Julgou prêmios, onze no total.

Acresce às atividades de médico e de professor a participação em várias entidades e associações, entre elas, a Academia

de Medicina de São Paulo, Ordem dos Médicos de Portugal, Sociedade Brasileira de Anestesiologia, *Latin American Society of Regional Anesthesia*, *European Malignant Hyperthermia Group*, *European Society of Critical and Intensive Care Medicine* e várias outras, no Brasil e no exterior.

Certa vez perguntaram a Alfredo Volpi, que fazia para compor tão bem as cores, e ele respondeu, com sua simplicidade de gênio: “quanto mais trabalho, mais fácil fica trabalhar”. Igual a outro grande artista, agora da música, Villa-Lobos, que quanto mais compunha mais queria compor e mais se aprimorava.

José Luiz também, quanto mais faz melhor fica. Além de médico e professor, membro de várias entidades de grande peso científico, atualmente, no Brasil, é o mais destacado político da área médica, sem nenhuma hipérbole.

Desde já fazemos uma ressalva veemente, pois nos dias atuais o termo político está desgastado ou envolto em lamarôes que dispensam comentários.

José Luiz não, é atuante nas causas médicas nacionais de forma muito elevada, e conta com o apoio da maioria dos médicos brasileiros. Por que, em uma época em que políticos merecem acerbas críticas e José Luiz, em política médica, merece tão-somente, e de modo sincero, reiterados elogios? Aqui não podemos ignorar a nossa especialidade de psiquiatras e arriscar uma análise dos fatos.

Qual a causa do sucesso? E a resposta surge imediatamente: José Luiz não é político, de natureza, de profissão, de origem, de carreira.

Até meados dos anos 1990, dedicava-se exclusivamente a sua amada Escola Paulista de Medicina, como professor, orientador e médico no exercício da profissão. Nessa época, houve uma grande disputa política na Associação Paulista de Medicina, e a chapa vencedora, nova, precisava de grandes nomes para compor, eficientemente, as diretorias e as vice-presidências. Então, nada melhor do que convidar José Luiz Gomes do Amaral, ilustre médico da Escola Paulista de Medicina, professor, para ocupar a primeira vice-presidência.

Assim, chegou aos movimentos médicos, trazendo das salas cirúrgicas a precisão do anesthesiologista, a sensibilidade de lidar com os limites da dor e da vida, aquele que exerce efetivamente o hipocrático *sedare dolore opus divino est*. E das

salas de aula trouxe a sua postura impecável, a educação de berço e seus valores ético-morais.

Quando todo esse potencial se revelou nas reuniões de diretoria, por consequência natural, começou a sua grande missão em prol da medicina que acredita: ética, científica, cultural e justa. E para materializar as idéias valeu-se de grande empenho e tornou-se presidente da Associação Paulista de Medicina, depois reeleito, e, em seguida, eleito presidente da Associação Médica Brasileira, cargo que exerce atualmente, com o apoio expressivo de médicos de todo o Brasil.

E, em maio deste ano, em Berlim, foi eleito, por aclamação, presidente da Associação Médica Mundial, o que é uma conquista muito importante para a Medicina brasileira.

No entanto, ainda sem abandonar a nossa deformidade profissional, como psiquiatras não poderíamos deixar de lembrar uma outra virtude importante que compõe a natureza de José Luiz: seu dom, sua dedicação e seu apego profundo à música clássica. Pai de exímia concertista, Eloísa Amaral (que tivemos o privilégio de escutar na abertura desta sessão solene, reside e estuda em Oslo, tendo se especializado na Alemanha, em Fraiburgo), José Luiz é também pianista.

Certa vez nosso colega Rui Telles Pereira, quando ainda não conhecíamos muito bem José Luiz, disse: “quem gosta de música clássica como ele, tem que ser boa gente”. E o Rui não se enganou.

Está aí a fórmula de seu sucesso: da Medicina, a missão e o dever; da Política, o bom senso; da Música, a sensibilidade; do caráter, a retidão; do convívio, a lhanza; da amizade, a fraternidade. “Onde haja trevas que eu leve a luz”, esse o lema da Academia Cristã de Letras, essa a vida e a missão do novel Acadêmico José Luiz Gomes do Amaral.

A Academia Cristã de Letras se engalana ao receber em seu grêmio o ínclito professor José Luiz Gomes do Amaral, humanista de alto gabarito. Possa ele sentir-se em confortadora presença entre os pares que o recebem cordialmente.

Sejam de todos as boas-vindas. Estamos felizes.

Guido Arturo Palomba

membro da Academia Cristã de Letras.

Oração de recepção, por ocasião da posse de José Luiz Gomes do Amaral na cadeira n. 37

(Patrono São João Bosco), em 17 de julho de 2007

A um jovem médico bem-formado

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak

Caro colega.

Você é um médico bem-formado — afinal, esta carta é para você. Isso significa que você estudou em uma Faculdade de Medicina digna do nome, e não em uma das muitas e numerosas que existem e ousam usar a mesma designação, mas pouco se relacionam com a verdadeira preocupação da medicina. Isso também quer dizer que no final do curso você percebeu que precisava de mais conhecimentos e, principalmente, de mais experiência. Ingressou, então, em um programa de residência médica igualmente digno do título — em uma instituição decente que não utiliza o programa como fonte de mão-de-obra barata, em que há discentes presentes no dia-a-dia, pois o sistema depende essencialmente de aprender com quem sabe, sempre ao lado dele. Para entrar em um programa de residência desse tipo, você se submeteu a um processo de seleção tão ou mais difícil que o vestibular para medicina, com o agravante que todo mundo entende um tombo no vestibular inicial, porquanto a culpa é da falta de vagas e contratempos, mas quando você já é formado, não conseguir ingressar é responsabilidade sua. E você investiu seis anos da sua vida na formação básica, com mais três ou quatro na residência — é muito tempo no qual não ganhou nada ou, pior que isso, despendeu enormes quantias, ocorrendo que se recebeu apenas algo simbólico e eventualmente para sobreviver. Convém ainda contar os tais plantões de quarenta e oito horas de serviço consecutivos, configurando tradição da profissão, se bem que nos perguntamos seriamente que modalidade de aprendizado é possível com privação de sono e excesso de trabalho, pelo menos nas últimas oito horas da maratona.

Bem, um dia a etapa acaba e você está pronto para “cair na vida” — ou não está? Sem querer desestimulá-lo, com tudo o que você aprendeu e até com as indispensáveis bases para saber como procurar informação médica que outrossim metabolizou, existe uma porção de particularidades que o curso médico e a residência não ensinaram, das quais você vai precisar muito.

Como lidar com a burocracia estatal que preside a organização de todas as profissões do País, incluindo a sua? Há que pagar uma série de impostos, taxas, licenças e outros pedágios, alguns contemplando entidades das quais você só houve falar quando chega a cobrança.

É preciso saber se relacionar satisfatoriamente com os pacientes que temos hoje. Você treinou com doentes de diversos médicos, em uma diferente época. Agora, se você tiver consultório, será procurado por um cliente que já traz na mão, obtidos da internet, todos os novos tratamentos possíveis e imagináveis para o mal que ele tem ou acha que tem, incluindo numerosas condutas alternativas despropositadas — e você deverá explicar para ele o que é medicina baseada em evidências. Sucede que você sabe muito bem que vários luminares da sua profissão, mais velhinhos, nem têm idéia do que seja.

Se você associar-se a outros colegas, são reais pontos de direito bem complexos que não parecem relevantes no momento em que você constitui a sociedade, tornando-se mais complicada que um divórcio a separação de sócios, sem falar nas responsabilidades, muitas, com órgãos que pouco fazem por você e, todavia, não deixam de cobrar uma boa parte dos rendimentos que você carrega como pessoa física, ainda que seja jurídica.

Mais complicado ainda: você já está pronto e vai trabalhar em que lugar? Se é um especialista, vai necessitar de um hospital dotado dos devidos recursos, e cada vez para atuar decentemente precisa que o local ofereça sempre mais instrumentos. Definitivamente, a época do estetoscópio, do aparelho de pressão e do bom senso, três fatores que possibilitavam 90% do exercício da medicina há quarenta anos, acabou. Apenas por meio desses instrumentos nem mesmo consultório de periferia teria êxito. Além disso, para entrar no corpo clínico de um bom hospital existem grandes dificuldades. Primeiro, você terá de ser apresentado, deverá mostrar o seu currículo, o qual talvez seja vetado, porque pode não ser

amigo dos amigos ou seja impossível compor-se com grupos que desejam deixar fechado o sistema. Existem iniciativas das nossas associações que sugerem que todo hospital seja aberto a qualquer médico, incluindo os universitários — e que não merecem simples aceitação. Atualmente, os hospitais são solidários com problemas motiváveis por médicos e que nestes solicitam internação, ainda que não façam parte da instituição. Trata-se do Código do Consumidor. Os hospitais devem avaliar se as habilidades que alguém diz que possui são verdadeiras e, com a quantidade de faculdades de terceira categoria formando inúmeros profissionais, precisam exigir garantias da capacidade dos integrantes do seu corpo clínico. Você vai tentar cadastrar-se — e auguramos boa sorte —; contudo, se não conseguir, lembre-se de que não contará com quem ou como reclamar. Tente.

Nesse contexto, então, figuram diferentes particularidades. Não há consenso e acontecem comportamentos heterogêneos, por exemplo, a blindagem total, em determinados hospitais públicos ou privados, constituindo expressiva radicalização.

Você que permaneceu esse tempo todo sem ganhar devidamente e acha que agora poderá recuperar um pouco do poder aquisitivo que não teve, não se iluda. Para ganhar dinheiro é melhor desistir no primeiro ano do curso médico, salvo as exceções de praxe. Você, com residência e outras atribuições, irá trabalhar em um hospital universitário, ganhando as quimeras que pagam ao médico em serviço público, ou para convênios que não só remuneram pouco como exigem muito e, especialmente, que você não use os tais recursos que aprendeu na residência. Isso trabalhando diretamente para eles (quando, pelo menos, arcam com os encargos trabalhistas) ou, disfarçadamente, quando fazem com que você pague toda a despesa de consultório e o transformam em médico conveniado, glosando, por fim, suas contas. Não conhecia o verbo glosar? Não é “glosação” não, é malandragem mesmo. Quando uma medicina de grupo está com problemas de fluxo de caixa, ela simplesmente não paga as suas contas, deixa para o próximo mês. Como é que você sobrevive até lá? Problema seu.

Com todas essas dificuldades, acreditamos que você sobreviva — a maior parte consegue — e que com o tempo

consiga realizar-se profissionalmente, o que não é verdade para a maioria dos médicos, ainda que bem-formados, dedicados e não centrados no ganho monetário. E vamos contar um segredo: está cada vez mais difícil...

Adicionamos um suplementar detalhe desanimador. Descaradamente destemerosos tipos contam com propaganda advinda de empresas especializadas em marketing, que indicam caminhos interpretados como facilitadores de êxitos e inserem manobras diversificadas, por meio da mídia, de aparecimentos sociais e de exposições freqüentes. É prática inaceitável que não se coaduna com os princípios norteadores da arte médica.

Amenizemos um pouco o melancólico panorama. Sucesso é viável e depende sobretudo de competência, atualização constante, êxitos profissionais, comedimento ético, solidariedade humanística e transparência no sentido de mostrar comportamento respeitável.

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak
médicos e professores universitários

Dubiez

Sua alegria é contagiante,
 Estende-se aos desvãos do caminho
 Saltita no rubor da sua face.
 Atônito o observador atento,
 Paralisa imediato o seu olhar.
 São décadas da vida estugada
 Na luta, dedicação, descendentes,
 Compreensão, revolta e conselhos.
 Olhar sempre vivo e acolhedor
 O perdão exposto na fâcies
 Cândido, límpido e suave.
 Nesse corpo de jovem mulher
 O trejeito permaneceu intacto,
 O tempo não marcou o orgânico
 Sofrido pelas agressões do tempo.
 Embora a vida fosse atingida
 Com amarguras quase diuturnas
 E outras obviedades em escalada,
 Evitaram-se as amarras e os
 Grilhões que a vida apresenta na sua
 Diminuta trajetória com o tempo.
 Aura cristalina, transparente,
 Sorriso delineador da feliz
 Vida pelo tempo da própria vida.
 Jovem mulher da luta incessante
 Imbatível em todos os embates
 Inquiridora sagaz e vivaz,
 Invejável, revela sua vida atual
 Já com saudades de um novo futuro
 Da vida que viveu nos velhos tempos
 Da sua alegria contaminadora



Um Segundo Olhar

“A vida é feita de muitas porções de fatos e sentimentos que nos envolvem, aprisionados que estamos neste espaço e tempo e, ainda que esqueçamos – assim nos iludimos –, nós as guardamos em nosso depósito anímico. Essa fragmentação de tudo, qual tecido de muitos remendos, de texturas diferentes, coloridos e tamanhos diversificados, convola um percurso real no tempo.

Isso reunido constitui um livro. Um notário de registros diversos, a partir de um segundo olhar. É o livro com que agora nos presenteia José Carlos Barbuio. Pequenos e deliciosos aperitivos de emoções que se transformam em uma ceia literária agradabilíssima”.

José Carlos Barbuio

Apresentação (trecho) do livro Um segundo olhar, de José Carlos Barbuio, a ser lançado até o final do ano.

Afiz Sadi

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Dullio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] – Celso Carlos de Campos Guerra
 José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sergio Góes – Rui Telles Pereira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza (*in memoriam*)

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.